

A SOCIEDADE DE CORTE, SEGUNDO NORBERT ELIAS

Resenha da obra: ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**.
Tradução de Ana Maria Alves. Lisboa: Editorial Estampa, 1987, 240 p.

Por: Charles da Fonseca Lucas

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência Política/Unicamp,
com Período Sanduíche no DCS/ENSP/Fiocruz/MS¹,
sendo Bolsista SWP/CNPq/MCTI²
E-mail: charles.lucas@gmail.com

Na montagem do mecanismo absolutista, Norbert Elias (1897-1990) desconstruiu a ideia de que existem dominantes e dominados puros, mas, sim, grupos que estão enredados e pagam um “pedágio” para transitarem nesse enredo. O rei, os nobres e os burgueses estavam em rota de colisão e agiam no sentido da coalizão. Simultaneamente, Elias estava afirmando que todos os grupos são díspares e, conseqüentemente, negando a existência de grupos homogêneos e de determinadas tendências nas Ciências Sociais que procuram enxergar os dominantes e dominados.

Nesse enredo, a nobreza gastou o que não tinha para preservar a vantagem do nome, sendo a etiqueta uma expressão posicional de como usar o corpo, falar o francês corretamente. Utilizando-se de todas as formas legítimas para fazer valer a posse de um nome ou de uma linhagem, os nobres, que também eram providos de uma falta de uniformidade ou de homogeneidade, assumiam com horror a possibilidade de se parecerem com os burgueses e, por conseguinte, com os trabalhadores, isto é, ser nobre implicava não ser trabalhador. N’*O Processo Civilizador - uma história dos costumes*³, Elias apresentou a civilização dos costumes como variação das experiências sociais, denunciando a transição de uma nobreza cavalheiresca para uma nobreza de corte, caracterizada pelo autocontrole coercitivo do nobre, que para ser nobre tinha que estar no jogo inteiramente, e não parcialmente. Nota-se que a visão eliasiana de estrutura social e hierarquia atenta para o fato de que as chances de acesso ao poder são diferentes dos centros de poder.

Estando todos enredados na vida social, onde uns dependem dos outros e as formas de existir socialmente são muito variadas, Elias conferiu maior ênfase à interdependência,

¹ Departamento de Ciências Sociais/Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fundação Oswaldo Cruz/Ministério da Saúde.

² Doutorado-Sanduíche no País/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

³ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

entendendo a heterogeneidade como fundamental para que se possa recuperar o jogo que não está resolvido. O máximo de distância na relação de sociabilidade equivale ao máximo de proximidade. Em outras palavras, a marquesa podia ficar nua na frente do criado, pois ela não o enxergava como parte do seu sistema e vice-versa. Um outro exemplo seria a nobreza em si, que se torna uma classe fora do jogo, porém mais dependente do rei, o que a fazia reunir em um só corpo a proximidade e a distância. Não obstante, apesar de todos estarem enredados, sabemos que alguns indivíduos estavam mais expostos do que outros aos constrangimentos durante a circulação de constrangimentos.

Nesse jogo, Elias estava preocupado em resgatar a polifonia dos informantes, que traziam as vozes da subjetividade e da vivência de um mundo em um dado universo. Por isso que Claude-Henri de Rouvroy, o Conde de Saint-Simon (1760-1825), foi tão citado por Elias em seu livro *A Sociedade de Corte*, já que esse nobre do grupo dominante e informante especializado viveu a dinâmica daquela sociedade, estando dentro e fora do jogo. Com o propósito de recuperar os mecanismos básicos de sociabilidade vivenciados pelos agentes, Elias constituiu esse livro através de uma argumentação teórica arbitrária gerada pela seleção de eventos que denunciam a crise do sistema e de indivíduos que viveram dramaticamente alguns eventos, sem perder de vista a polaridade firmada entre submissão e autoridade. Observa-se que não existe nenhuma forma de prioridade ontológica da atividade, pois a sociabilidade pode ser recuperada de diversos modos, ou seja, podemos resgatar a sociabilidade da burguesia através da tragédia clássica francesa. Sendo assim, todos os materiais são bons para se pensar o material. Dentre esse materiais podemos elencar a etiqueta, o hábitat, a economia de despesas, o enfrentamento entre a burguesia e a nobreza em uma sociedade que durou três séculos, oferecendo como principal foco para as nossas atenções a sua constituição e o apogeu e manutenção da etiqueta, em vez do seu declínio propriamente dito.

A sociedade de corte foi constituída pela exclusão do que não foi nobreza, revelando-se uma sociedade altamente excludente pela etiqueta. Trata-se de uma sociedade de exibição compulsória, na qual todos faziam valer as suas vantagens. A corte estava no nome espacial do dispositivo topográfico que representava todos que estavam em movimento. Portanto, a sociedade de corte foi a sociedade do pátio, onde o fenômeno não é o símbolo ou o requinte (visão de fora da corte) e, sim, a etiqueta (visão de dentro da corte), que é um mecanismo cênico de reiteração da diferença passível de ser visto como uma arte pessoal de conduta que expressa um domínio coercitivo de si. Todavia, o uso da etiqueta possuía variações bastante

significativas no que se refere ao agente utilizador, podendo ser um instrumento de superioridade e/ou de afirmação. A etiqueta foi usada pelo rei como meio de humilhação da nobreza, em que cada um encontrava a grandeza na pequenez do ato, sendo, cada um por si, algo irrelevante, uma vez que a relevância somente podia ser achada no conjunto. Por outro lado, a etiqueta, para os nobres, foi cênica ou dramática, sendo inicialmente conduzida por um momento de plasticidade e, a posteriori, tornando-se muito enrijecida, o que impossibilitou a reprodução do sistema. No entanto, o nobre que abria mão de sua etiqueta estava renunciando à sua própria identidade. A planta baixa do castelo em Versalhes demonstra que a corte foi uma expansão da casa senhorial pela qual eram filtradas todas as experiências, o acesso às prebendas, a dilatação da renda, a garantia de um nome e a recuperação dos sentimentos em que os nobres estavam engajados.

No que se refere ao hábitat da nobreza, Elias afirmou que para o nobre ter a mesma precedência dos demais nobres, ele tinha que circular entre o apartamento em Versalhes, a casa urbana em Paris e o solar, que, por muitas vezes, mantinha financeiramente o nobre. O hábitat da nobreza organizava-se na relação conjugal, cuja dinâmica entre os cônjuges autorizava a circulação sexual, desde que não prejudicasse o nome da família e a vida patrimonial. A casa estava fundida em duas sociabilidades: a íntima e a política, que foi estabelecida entre iguais e/ou superiores. Reconstruindo uma experiência de sociabilidade, Elias compreendeu a casa como receptáculo de todas as tensões no *display* espacial, que foi um espaço organizado para a reprodução de um tipo vital. Nesse espaço, a aparência não podia ser entendida pelas atribuições inocentes de superficial e interna, mostrando-se, de acordo com Elias, como uma “segunda natureza cultivada”, que estava inscrita espacialmente. Elias estava dizendo que os nobres eram homens de carne e osso, que lutavam por uma vida que fazia sentido para eles, por isso que não eram figuras caricaturadas ou, simplesmente, indivíduos mascarados. Nesse sentido, a organização do espaço desvelou o quanto os nobres eram rentistas ao diminuir ou suprimirem o trabalho de suas atividades cotidianas, porém consumiam tanto tempo nas representações que isso acabava equivalendo a um trabalho consumidor de energia, tempo e atenção.

Tendo os romances e as pinturas como produtos culturais, a corte foi tomada de incidentes e sentimentos expressivos que retiveram vivências vividas na própria corte. Nesse contexto, todos os nobres emergiram como memorialistas e codificadores da vida social. Constata-se que o hábitat é mais do que a indumentária, as maneiras de se vestir, sentar-se à mesa, comer e transar. O hábitat foi os produtos da nobreza: a etiqueta, a arte, o romance, a

pintura. Diante de tais artefatos, a explicação sociológica tem que se movimentar em uma direção objetivada, embora dispersa subjetivamente. Não podemos apreender nada objetivamente que passe pela experiência do vivido. Os materiais são construídos significativamente à luz da experiência, que não é a luz das nossas experiências. Relacionando a objetivação com a subjetivação devemos estar atentos para os modos de captação da experiência social. Os nobres não viviam o luxo como luxo, mas, sim, como despesas de prestígio e, conseqüentemente, como necessidade. Enxergar o luxo como luxo é assumir uma visão de quem se sente excluído desse acesso e está, coerentemente, fora da corte. Analisando o sistema de despesas como equivalência, Elias ressaltou o uso do tempo e as diferenças fincadas entre o poder da burguesia e o poder da nobreza.

Conforme Elias, a liga da materialidade estava baseada em emoção, vivência, perda, conquista, existência. A renda era consequência e o problema da estrutura social era sentimental. O centro da vida social foi uma multiplicidade de bagatelas (conceito da experiência nativa), ou seja, diversas experiências que eram centrais no manejo da identidade. A sociedade de corte foi uma economia psíquica que podia ser vista no hábitat, na etiqueta, no psiquismo dos indivíduos. Foi uma sociedade que trafegou em uma relação de oxigenação entre dois níveis: o baixo (registro animalesco, que dentre os seus elementos constituintes estão a defecação e a flatulência) e o alto (sublimação, poética, música). Delatando a existência de um enredo que busca os figurantes pelo fio dos informantes, Elias frisou que é preciso ingressar na pele dos que estavam no jogo, caso contrário, certamente se estará fora do jogo e, por conseguinte, descartado de compreender o sentido real da trama. Por outro lado, entrar no jogo significa que todos os espaços devem ser reconstruídos por intermédio da trama que deu origem a esses espaços. Ao destacar as experiências sociais, Elias estava propondo uma nova visão da sociedade através de um viés inovador que vai em desencontro a uma visão evolucionista de cunho marxista.